

# 1

## OUTONO DE 1952

Ora bem. Querem uma história e eu vou contar-vos uma. Mas apenas esta. Não me venham depois pedir mais. Para começar, é tarde, e tu e eu temos um longo dia de viagem pela frente, Pari. Vais precisar de dormir esta noite. E tu também, Abdullah. Conto contigo, rapaz, enquanto a tua irmã e eu estivermos ausentes. E a tua mãe também. Bom. Uma história, então. Ouçam os dois, ouçam bem e não interrompam.

Era uma vez, no tempo em que os *devs* e os génios<sup>1</sup> e os gigantes vagueavam pela terra, um agricultor de seu nome Baba Ayub. Vivia com a família numa pequena aldeia chamada Maidan Sabz. Porque tinha uma família numerosa para alimentar, Baba Ayub via os seus dias consumidos pelo trabalho árduo. Todos os dias labutava da aurora ao pôr do Sol, lavrando o seu campo e revolvendo o solo e ocupando-se das suas pistácias raquíticas. Era vê-lo a toda a hora no seu campo, dobrado pela cintura, as costas tão curvas quanto a gadanha com que ceifava o dia inteiro. As mãos dele estavam sempre cheias de calos e era frequente sangrarem, e todas as noites era levado pelo sono assim que encostava a face à almofada.

Mas deixem-me que vos diga que ele não era caso único. A vida em Maidan Sabz era difícil para todos os seus habitantes. Havia outras aldeias mais afortunadas, a norte, erigidas em vales com árvores de fruto e flores, e uma atmosfera agradável, e riachos onde corria água fresca e límpida. Mas Maidan Sabz era um lugar deso-

---

<sup>1</sup> Os «*devs*» e os «*génios*», «*divs*» e «*jinns*» no original, são figuras da mitologia persa conhecidas pela sua natureza malévola. (NT)

lador, e não se assemelhava de forma alguma à imagem que o seu nome, Campo Verdejante, faria imaginar. Ficava situada numa planície lisa e poeirenta, rodeada por uma cadeia de montanhas escarpadas. O vento era quente e soprava poeira para os olhos. Encontrar água era uma luta diária, porque os poços da aldeia, mesmo os profundos, estavam muitas vezes secos. Sim, existira um rio, mas os aldeãos tinham de suportar meio dia de caminhada para o alcançar, e mesmo então as suas águas corriam lamacentas durante todo o ano. Agora, após dez anos de seca, até o rio acabara por ficar raso. Digamos que as pessoas em Maidan Sabz tinham de trabalhar o dobro para tirarem meio sustento.

Ainda assim, Baba Ayub contava-se entre os afortunados, porque tinha uma família que estimava acima de todas as coisas. Amava a mulher e nunca lhe levantava a voz, muito menos a mão. Valorizava os seus conselhos e retirava genuíno prazer da sua companhia. Quanto a filhos, foi abençoado com tantos quantos os dedos de uma mão, três rapazes e duas raparigas, que amava de todo o coração. As raparigas eram atenciosas e generosas e de bom caráter e reputação. Aos rapazes, já tinha ensinado o valor da honestidade, da coragem, da amizade e do trabalho árduo sem reclamações. Obedeciam-lhe como devem os bons filhos, e ajudavam o pai nas suas colheitas.

Embora amasse todos os filhos, Baba Ayub tinha uma afeição especial por um, o mais novo, Qais, que tinha três anos. Qais era um menino de olhos azul-escuros. Todos aqueles que o conheciam ficavam encantados com o seu riso travesso de diabinho. Era também um daqueles meninos tão cheios de energia que esgotava a dos outros. Quando aprendeu a andar, sentiu tanto prazer nisso que o fazia o dia todo, enquanto estava acordado, e depois, perturbadoramente, à noite durante o sono. Sonâmbulo, saía da casa de adobe da família e deambulava na escuridão iluminada pelo luar. Como é natural, os pais dele ficavam preocupados. E se ele caísse num poço, ou se perdesse, ou, pior que tudo, fosse atacado por uma das criaturas que à noite se escondiam nas planícies? Tentaram muitos tratamentos, sem que nenhum deles resultasse. Por fim, a solução que Baba Ayub encontrou foi simples, como são frequentemente

as melhores soluções: removeu um chocalho minúsculo do pescoço de um dos seus bodes e pendurou-o ao pescoço de Qais. Dessa forma, o chocalho acordaria alguém caso Qais se levantasse a meio da noite. Passado algum tempo, o sonambulismo desapareceu, mas Qais afeiçoou-se ao chocalho e recusava-se a separar-se dele. E portanto, apesar de não servir o seu objetivo inicial, o chocalho permaneceu atado ao fio em redor do pescoço do rapaz. Quando Baba Ayub regressava a casa depois de um longo dia de trabalho, Qais saía de casa a correr e afundava a cara na barriga do pai, com o chocalho a tinir a cada passinho que dava. Baba Ayub levantava-o do chão e levava-o para dentro de casa, e Qais ficava a olhar para o pai com muita atenção enquanto ele lavava a cara e as mãos, para depois se sentar ao lado de Baba Ayub à hora do jantar. Terminada a refeição, Baba Ayub bebia o seu chá aos golinhos, observando a família, imaginando o dia em que todos os seus filhos casassem e lhe dessem os seus próprios filhos, em que seria o orgulhoso patriarca de uma prole ainda maior.

Mas, infelizmente, Abdullah e Pari, os dias de felicidade de Baba Ayub chegaram ao fim.

Aconteceu num dia em que um *dev* apareceu em Maidan Sabz. À medida que se aproximava da aldeia vindo das montanhas, a terra abanava a cada passo que dava. Os aldeãos largaram as pás e as enxadas e os machados e fugiram em diferentes direções. Trançaram-se nas suas casas e comprimiram-se dentro delas. Quando os ruídos ensurdecadores dos passos do *dev* pararam, o céu que cobria Maidan Sabz escureceu com a sua sombra. Dizia-se que da cabeça dele brotavam cornos curvos e que os ombros e a poderosa cauda eram cobertos por pelos grossos e pretos. Diziam que os olhos dele irradiavam um brilho vermelho. Mas a verdade é que ninguém tinha a certeza disso, pelo menos ninguém que estivesse vivo: o *dev* comia logo aqueles que ousassem lançar-lhe um olhar de relance que fosse. Sabendo disso, os aldeãos, sensatamente, mantinham os olhos colados ao chão.

Todos na aldeia sabiam porque é que o *dev* aparecera. Tinham ouvido as histórias das suas visitas a outras aldeias, e não podiam senão ficar admirados por Maidan Sabz ter conseguido escapar à

sua atenção durante tanto tempo. Talvez, pensavam eles, as vidas pobres e duras que levavam em Maidan Sabz tivessem funcionado a seu favor, uma vez que as suas crianças não estavam tão bem alimentadas e não tinham tanta carne nos ossos. Mesmo assim, a sorte deles esgotara-se finalmente.

Maidan Sabz tremia e sustinha a respiração. As famílias rezavam para que o *dev* ignorasse as suas casas, pois sabiam que, se o *dev* lhes tocasse no telhado, teriam de lhe dar uma criança. Depois o *dev* lançaria a criança para dentro de um saco, atiraria o saco por cima do ombro e regressaria ao lugar de onde tinha vindo. Nunca mais ninguém voltaria a ver a pobre criança. E se uma família se recusasse a fazê-lo, o *dev* levaria todas as crianças que estivessem no interior da casa.

E para onde é que o *dev* levava as crianças? Para o seu forte, que repousava no cume de uma montanha íngreme. O forte do *dev* ficava a uma longa distância de Maidan Sabz. Era necessário atravessar vales, vários desertos e duas cordilheiras antes de se poder alcançá-lo, e que pessoa sã de espírito é que o faria, sabendo que apenas iria encontrar a morte? Dizia-se que o forte estava repleto de masmorras de cujas paredes pendiam cutelos. Ganchos de açougue baloiçavam dos tetos. Dizia-se que havia espetos gigantes e fornos escavados no chão. Dizia-se que, se apanhasse um intruso, o *dev* estava disposto a esquecer a sua aversão à carne adulta.

Presumo que vocês saibam qual foi o telhado que recebeu o temido toque do *dev*. Depois de o ouvir, um grito de agonia escapou dos lábios de Baba Ayub e a mulher dele desmaiou abruptamente. As crianças choraram, de terror, e também de mágoa, porque sabiam que a perda de uma delas era agora certa. A família tinha até ao amanhecer seguinte para fazer a sua dádiva.

O que é que eu vos posso dizer da angústia que Baba Ayub e a mulher sofreram nessa noite? Nenhum pai ou mãe deveria ser obrigado a fazer uma escolha como aquela. Fora do alcance dos ouvidos dos filhos, Baba Ayub e a mulher discutiram o que deveriam fazer. Conversaram e choraram e conversaram e choraram. Passaram a noite entre avanços e recuos e, quando o amanhecer começava a aproximar-se, ainda não tinham tomado uma decisão — que seria

porventura o que o *dev* pretendia, dado que a indecisão deles lhe permitiria levar cinco filhos em vez de um. Por fim, Baba Ayub apanhou mesmo à porta de casa cinco pedras de tamanho e forma idênticos. Na superfície de cada uma delas escreveu o nome de um filho, e quando terminou atirou as pedras para dentro de um saco de serapilheira. Quando estendeu o saco à mulher, ela recuou como se no seu interior estivesse uma cobra.

«Não sou capaz», disse ela ao marido, abanando a cabeça. «Não posso ser eu a escolher. Não conseguiria viver com isso.»

«Nem eu», começou Baba Ayub a dizer, mas viu através da janela que o Sol estava apenas a instantes de espreitar por cima das colinas a leste. O tempo estava a esgotar-se. Olhou amargurado para os cinco filhos. Para salvar a mão, um dedo tinha de ser cortado. Fechou os olhos e retirou uma pedra do saco.

Suponho que também saibam qual foi a pedra que Baba Ayub calhou de tirar. Quando viu o nome que nela estava escrito, ergueu a cabeça para o céu e soltou um grito. Com o coração destroçado, levantou o filho mais novo nos braços, e Qais, que tinha uma confiança cega no pai, abraçou-lhe alegremente o pescoço. Só quando Baba Ayub o pousou fora de casa e fechou a porta é que o menino percebeu o que se passava, e ali estava Baba Ayub, de olhos fechados com força, lágrimas a escorrerem-lhe, as costas contra a porta, e o seu amado Qais a esmurrá-la com os seus pequenos punhos, a chorar para que Baba o deixasse voltar a entrar, e Baba Ayub ali a murmurar por entre os dentes «Perdoa-me, perdoa-me» enquanto o chão abanava com os passos do *dev*, e o filho dele soltava gritos agudos e a terra tremia uma e outra vez enquanto o *dev* abandonava Maidan Sabz, até finalmente desaparecer e a terra ficar quieta e tudo ficar em silêncio, à exceção de Baba Ayub, ainda a chorar e a pedir a Qais que o perdoasse.

Abdullah. A tua irmã adormeceu. Cobre-lhe os pés com o cobertor. Aí. Isso. Talvez deva ficar por aqui. Não? Queres que eu continue? Tens a certeza, rapaz? Está bem.

Onde é que eu ia? Ah, sim. Seguiu-se um período de luto de quarenta dias. Todos os dias, os vizinhos cozinhavam refeições para a família e estavam de vigília com eles. As pessoas levavam as oferendas que podiam — chá, guloseimas, pão, amêndoas — e tam-

bém manifestavam os seus pêsames e compaixão. Baba Ayub mal conseguia arranjar força para dizer sequer uma palavra de agradecimento. Sentava-se a um canto, a chorar torrentes de lágrimas, como se com elas pretendesse pôr fim ao período de secas da aldeia. Ninguém desejava ao mais vil dos homens o tormento e sofrimento em que ele vivia.

Passaram-se vários anos. As secas continuaram e Maidan Sabz afundou-se numa pobreza ainda maior. Vários bebés morreram à sede nos seus berços. Os níveis de água dos poços baixaram ainda mais e o rio secou, contrariamente à angústia de Baba Ayub, um rio que aumentava de volume a cada dia que passava. Já não tinha qualquer préstimo para a família. Não trabalhava, não rezava, quase não comia. A mulher e os filhos faziam-lhe súplicas, mas de nada servia. Os filhos rapazes que tinham restado viam-se obrigados a ocupar-se do trabalho dele, pois todos os dias Baba Ayub não fazia mais nada a não ser sentar-se na orla do campo, uma figura solitária e miserável de olhos fixos nas montanhas. Deixou de falar com os aldeãos, porque acreditava que segredavam coisas a respeito dele nas suas costas. Diziam que era um covarde por se ter disposto a dar o filho. Que era um pai incapaz. Um verdadeiro pai teria feito frente ao *dev*. Teria morrido a defender a família.

Certa noite, mencionou isso à mulher.

«Eles não dizem nada disso», respondeu-lhe a mulher. «Ninguém pensa que tu és um covarde.»

«Eu consigo ouvi-los», disse ele.

«O que estás a ouvir é a tua própria voz, meu marido», disse ela. Mas não lhe contou que os aldeãos *de facto* cochichavam coisas a respeito dele pelas costas, e que o que cochichavam era que ele talvez tivesse enlouquecido.

E depois, um dia, ele deu-lhes razões para pensarem isso. Levantou-se de madrugada. Sem acordar a mulher nem os filhos, guardou alguns nacos de pão num saco de serapilheira, calçou os sapatos, atou a gadianha à cintura e partiu.

Caminhou durante muitos e muitos dias. Caminhava até o Sol se transformar num ténue brilho vermelho ao longe. As noites, passava-as em cavernas enquanto o vento uivava lá fora. Ou então

dormia nas margens de rios e debaixo de árvores e abrigado entre pedregulhos. Comeu o pão que tinha e depois ia comendo o que conseguia encontrar — bagas silvestres, cogumelos, peixe que apanhava com as próprias mãos em riachos — e havia dias em que não comia absolutamente nada. Mas ainda assim continuava a caminhar. Quando pessoas com que se cruzava lhe perguntavam para onde ia, dizia-lhes, e umas riam-se, outras apressavam-se a seguir caminho com receio de que ele fosse um homem louco, e algumas rezavam por ele, porque também elas tinham perdido um filho para o *dev*. Baba Ayub mantinha-se de cabeça baixa e continuava a caminhar. Quando os seus sapatos se desfizeram, atou-os aos pés com cordões, e quando os cordões romperam, prosseguiu descalço. Viajou assim através de desertos e vales e montanhas.

Até que por fim alcançou a montanha em cujo cume repousava o forte do *dev*. Estava de tal modo ansioso por cumprir a sua demanda que não descansou e começou de imediato a escalada, com as roupas em farrapos, os pés ensanguentados, o cabelo endurecido pela poeira, mas a resolução inabalada. As pedras denteadas rasgaram-lhe as plantas dos pés. Falcões deram-lhe bicadas nas faces quando passou pelo ninho deles. Violentas rajadas de vento quase o arrancaram da encosta da montanha. E, ainda assim, escalou, de uma rocha para a seguinte, até finalmente dar por si diante dos colossais portões do forte do *dev*.

Quem se atreve?, rugiu a voz do *dev* quando Baba Ayub atirou uma pedra contra os portões.

Baba Ayub indicou o seu nome. «Venho da aldeia de Maidan Sabz», disse.

Queres morrer? Decerto quererás, para me vires incomodar na minha casa! O que te traz aqui?

«Vim para te matar.»

Fez-se uma pausa do outro lado dos portões. E depois os portões chiaram ao abrir, e ali estava o *dev*, aparecendo ameaçadoramente a Baba Ayub em toda a sua apavorante glória de pesadelo.

Ai sim?, disse numa voz rouca como um trovão.

«Sim», disse Baba Ayub. «De uma forma ou de outra, um de nós irá morrer hoje.»

Por momentos, pareceu que o *dev* iria varrer Baba Ayub do chão e matá-lo com uma única mordedura dos seus dentes afiados como punhais. Mas algo fez com que a criatura hesitasse. Semicerrou os olhos. Talvez fosse a loucura das palavras do homem. Talvez fosse a aparência do velho, as vestes esfarrapadas, a cara ensanguentada, a poeira que o cobria da cabeça aos pés, as feridas abertas na pele. Ou talvez fosse o facto de o *dev* não vislumbrar nos olhos do velho o mínimo vestígio de medo.

Disseste que vens de onde?

«Maidan Sabz», disse Baba Ayub.

A julgar pelo teu aspeto, deve ser longe essa aldeia de Maidan Sabz.

«Não vim aqui para palavrear. Vim aqui para...»

O *dev* ergueu uma mão com garras. Sim. Sim. Vieste para me matar. Eu sei. Mas certamente me concederás umas últimas breves palavras antes de eu ser chacinado.

«Muito bem», disse Baba Ayub. «Mas apenas breves.»

Agradeço-te. O *dev* exibiu um sorriso rasgado. Posso perguntar que mal te fiz eu para justificar a minha morte?

«Levaste-me o meu filho mais novo», respondeu Baba Ayub. «Ele era a coisa mais importante deste mundo para mim.»

O *dev* soltou um grunhido e bateu com a mão ao de leve no queixo. Já levei muitos filhos de muitos pais, disse.

Baba Ayub sacou da gadanha num gesto furioso. «Então vingarme-ei também em nome deles.»

Devo dizer que a tua coragem provoca em mim uma onda de admiração.

«Nada sabes acerca da coragem», disse Baba Ayub. «Para haver coragem, tem de estar alguma coisa em jogo. Eu venho aqui sem nada a perder.»

Tens a tua vida a perder, disse o *dev*.

«Isso já tu me tiraste.»

O *dev* voltou a grunhir e estudou Baba Ayub pensativamente. Passado algum tempo, disse: Muito bem, então. Concedo-te o duelo. Mas antes vou pedir-te que me acompanhes.

«Despacha-te», disse Baba Ayub, «estou sem paciência nenhuma.» Mas o *dev* já se encaminhava para um corredor gigante, e Baba



Ayub não teve outra alternativa senão segui-lo. Caminhou atrás do *dev* por um labirinto de corredores, cujos tetos quase tocavam as nuvens, cada um deles suportado por enormes colunas. Passaram por muitas escadarias e aposentos suficientemente grandes para lá caber Maidan Sabz inteira. Assim continuaram até o *dev* acabar por conduzir Baba Ayub a um compartimento enorme, em cuja extremidade havia umas cortinas.

Aproxima-te, indicou o *dev* com um gesto.

Baba Ayub colocou-se ao lado do *dev*.

O *dev* abriu as cortinas. Atrás delas havia uma janela. Através dela, Baba Ayub viu um jardim imenso em baixo. Renques de ciprestes orlavam o jardim, e o solo na base deles estava repleto de flores de todas as cores. Havia piscinas de azulejo azul, e terraços de mármore, e exuberantes relvados. Baba Ayub viu belas sebes esculpidas e fontes de água a gorgolhar à sombra de romãzeiras. Nem que tivesse vivido três vidas conseguiria alguma vez imaginar um lugar tão belo.

Mas o que deixou Baba Ayub absolutamente estarecido foi ver crianças a correr e a brincar, alegres, no jardim. Corriam umas atrás das outras ao longo dos caminhos e à volta das árvores. Brincavam ao esconde-esconde atrás das sebes. Os olhos de Baba Ayub deambularam por entre as crianças, e por fim encontraram o que procuravam. Ali estava ele! O seu filho, Qais, vivo, e mais do que bem. Tinha crescido e o cabelo estava mais longo do que Baba Ayub se recordava. Vestia uma bonita camisa branca acima de um elegante par de calças. Ria alegremente enquanto corria atrás de dois companheiros.

«Qais», sussurrou Baba Ayub, embaciando o vidro com o seu hálito. E depois gritou o nome do filho.

Ele não te consegue ouvir, disse o *dev*. Nem ver.

Baba Ayub pôs-se a dar saltos, agitando os braços e esmurrando o vidro, até que o *dev* voltou a fechar as cortinas.

«Não entendo», disse Baba Ayub, «pensava...»

Esta é a tua recompensa, disse o *dev*.

«Explica-te!», exclamou Baba Ayub.

Impus-te um teste.

«Um teste.»

Um teste ao teu amor. Foi um desafio duro, reconheço, e estou ciente do pesado prejuízo que sofreste. Mas passaste. Esta é a tua recompensa. E a dele.

«E se eu não tivesse escolhido?», gritou Baba Ayub. «E se me tivesse recusado a aceitar o teu teste?»

Nesse caso, todos os teus filhos teriam perecido, disse o *dev*, pois teriam sido amaldiçoados na mesma, tendo um homem fraco como pai. Um covarde, que veria todos eles morrer em vez de suportar o peso da própria consciência. Dizes não ter coragem, mas eu vejo-a em ti. O que fizeste, o fardo que aceitaste carregar, requer coragem. Por isso, eu te reverencio.

Baba Ayub, num gesto pouco convicto, sacou da gadanha, mas esta escapou-lhe da mão e caiu no chão de mármore, produzindo um estrondoso som metálico. Os joelhos cederam-lhe e teve de se sentar.

O teu filho não se lembra de ti, continuou o *dev*. Esta é a vida dele agora, e tu próprio viste a sua felicidade. Aqui são-lhe proporcionadas a melhor comida e as melhores roupas, amizade e afeto. Recebe instrução em artes e línguas e ciências e nos caminhos da sabedoria e da caridade. Tem tudo o que precisa. Um dia, quando for um homem, poderá optar por ir embora e terá liberdade para o fazer. Tenho para mim que ele irá tocar na vida de muitas pessoas com a sua bondade e trazer felicidade àqueles que estão encurralados na mágoa.

«Quero vê-lo», disse Baba Ayub. «Quero levá-lo para casa.»

Queres?

Baba Ayub ergueu os olhos para o *dev*.

A criatura encaminhou-se para um armário perto das cortinas e de uma das suas gavetas retirou uma ampulheta. Sabes o que isso é, Abdullah? Sabes. Ótimo. Bom, o *dev* pegou na ampulheta, virou-a ao contrário e pousou-a aos pés de Baba Ayub.

Vou permitir que o leves para casa, disse o *dev*. Se optares por levá-lo, ele nunca mais poderá regressar a este lugar. Se optares por não o levar, *tu* nunca mais poderás regressar a este lugar. Quando toda a areia tiver escorrido, perguntarei que decisão tomaste.

E depois disso o *dev* abandonou o aposento, deixando Baba Ayub com mais uma escolha dolorosa para fazer.

Vou levá-lo para casa, pensou Baba Ayub imediatamente. Era isso o que ele mais desejava, com toda a fibra do seu ser. Não tinha ele imaginado isso em mil sonhos? Voltar a abraçar o pequeno Qais, beijar-lhe a bochecha e sentir a suavidade das suas mãozinhas nas dele? No entanto... Se o levasse para casa, que tipo de vida esperava Qais em Maidan Sabz? A vida dura de um camponês como a sua, na melhor das hipóteses, e pouco mais. Isso se Qais não morresse por causa das secas, como tinha acontecido a tantas crianças da aldeia. Aí serias capaz de te perdoar?, perguntou Baba Ayub a si próprio. Sabendo que, pelas tuas razões egoístas, o privaste de uma vida de luxo e oportunidades? Por outro lado, se deixasse Qais para trás, como poderia ele suportar isso, sabendo que o seu menino estava vivo, conhecendo o seu paradeiro, e mesmo assim estar proibido de o ver? Como conseguiria ele suportar isso? Baba Ayub começou a chorar. O desânimo apoderou-se dele de tal forma que pegou na ampulheta e a atirou violentamente contra a parede, onde se desfez em mil pedaços, fazendo com que a areia fina se espalhasse pelo chão.

O *dev* reentrou no compartimento e deu com Baba Ayub parado em cima dos vidros partidos, de ombros curvados.

«És uma besta cruel», disse Baba Ayub.

Quando já se viveu tantos anos como eu, respondeu o *dev*, descobre-se que a crueldade e a benevolência não são senão tons da mesma cor. Já fizeste a tua escolha?

Baba Ayub enxugou as lágrimas, pegou a gadanha do chão e prendeu-a à cintura. Caminhou devagar em direção à porta, de cabeça tombada para a frente.

És um bom pai, disse o *dev* no momento em que Baba Ayub passou por ele.

«Espero que ardas nos fogos do inferno pelo que me fizeste», disse Baba Ayub numa voz abatida.

Saiu do aposento e já estava a atravessar o corredor quando o *dev* o chamou.

Leva isto, disse o *dev*. A criatura estendeu a Baba Ayub um pequeno frasco de vidro que continha um líquido escuro. Bebe isto durante a tua viagem de regresso a casa. Adeus.

Baba Ayub pegou no frasco e saiu sem dizer mais nenhuma palavra.

Muitos dias depois, a mulher dele estava sentada na orla do campo da família, olhando para longe à espera de o ver aparecer, tal como Baba Ayub ali tinha estado, à espera de ver Qais. A cada dia que passava, a esperança no seu regresso diminuía. As pessoas na aldeia já falavam de Baba Ayub usando o tempo passado. Certo dia, estava ela novamente sentada na terra, a rezar uma oração, quando avistou uma figura esguia a aproximar-se de Maidan Sabz, vinda das montanhas. A princípio, confundiu-o com um dervixe perdido, um homem magro, que usava farrapos gastos como roupas, olhos fundos e têmporas encovadas, e só quando se aproximou ainda mais é que reconheceu o marido. O coração saltou-lhe de contentamento e soltou um grito de alívio.

Depois de se ter lavado, e depois de lhe ter sido dada água a beber e comida a comer, Baba Ayub deitou-se na sua casa, rodeado por aldeãos que lhe faziam perguntas atrás de perguntas.

Aonde é que foste, Baba Ayub?

O que é que viste?

O que é que te aconteceu?

Baba Ayub não tinha como lhes responder, porque não se lembrava do que lhe tinha acontecido. Não tinha a mínima recordação da sua viagem, de ter escalado a montanha do *dev*, de ter falado com o *dev*, do grande palácio ou do enorme compartimento com as cortinas. Era como se tivesse despertado de um sonho já esquecido. Não se lembrava do jardim secreto, das crianças, e, mais importante que tudo o resto, não se lembrava de ter visto o filho Qais a brincar no meio das árvores com os amigos. Aliás, quando alguém mencionou o nome de Qais, Baba Ayub pestanejou, desorientado. Quem?, disse ele. Não tinha memória de algum dia ter tido um filho chamado Qais.

Compreendes, Abdullah, como isto foi um ato de compaixão? A poção, que apagou aquelas memórias? Foi a recompensa de Baba Ayub por ter passado no segundo teste do *dev*.

Nessa primavera, o céu sobre Maidan Sabz finalmente abriu. E o que dele caiu não foi o ligeiro chuvisco dos anos anteriores, mas

uma forte chuva. Chuva grossa desceu do céu, e a aldeia, cheia de sede, levantou-se para a receber. Todo o dia, a água martelou nos telhados de Maidan Sabz e afogou todos os outros sons do mundo. Gotas pesadas e inchadas escorriam das pontas das folhas. Os poços encheram e a água do rio subiu. As colinas a leste ficaram verdes. Flores silvestres desabrocharam, e pela primeira vez em muitos anos as crianças brincaram na erva e as vacas pastaram nela. Toda a gente rejubilou.

Quando a chuva parou, a aldeia tinha algum trabalho pela frente. Várias paredes de adobe tinham-se desfeito e uns quantos telhados cedido, e campos de cultivo inteiros tinham-se transformado em pântanos. Mas depois da miséria da devastadora seca, os habitantes de Maidan Sabz não se iam queixar. Foram reerguidas paredes, reparados telhados e escoados canais de irrigação. Nesse outono, Baba Ayub realizou a mais abundante colheita de pistácios de toda a sua vida, e a verdade é que, no ano a seguir a esse e no que veio depois, as suas colheitas aumentaram tanto em quantidade como em qualidade. Nas grandes cidades onde vendia as suas mercadorias, Baba Ayub sentava-se orgulhosamente atrás das suas pirâmides de pistácios e irradiava uma alegria tal que parecia o homem mais feliz à face da Terra. Maidan Sabz nunca mais foi atingida por uma seca.

Pouco mais há a dizer, Abdullah. Poderás, no entanto, perguntar se algum dia um belo jovem montado num cavalo passou pela aldeia a caminho de grandes aventuras? Se terá porventura parado para beber água, que a aldeia tinha agora de sobra, e se se sentou para partilhar uma refeição com os aldeãos, talvez com o próprio Baba Ayub? Não te sei dizer, rapaz. O que eu te *sei* dizer é que Baba Ayub viveu até ser um homem mesmo muito velho. Posso dizer-te que viu os filhos casar, como sempre tinha desejado, e posso também dizer que os filhos dele tiveram muitos filhos, e que todos eles trouxeram uma imensa felicidade a Baba Ayub.

E também te posso dizer que havia algumas noites em que, por nenhuma razão em particular, Baba Ayub não conseguia dormir. Embora fosse agora um homem muito velho, ainda podia usar as pernas, desde que se apoiasse numa bengala. E portanto, nessas

noites sem dormir, deslizava para fora da cama sem acordar a mulher, pegava na bengala e saía de casa. Caminhava na escuridão, a bengala a bater no chão à frente dele, a brisa da noite a afagar-lhe o rosto. Na orla do seu campo havia uma laje e sentou-se nela. Era frequente permanecer ali, naquela posição, durante uma hora ou mais, a contemplar as estrelas, as nuvens que flutuavam por baixo da Lua. Pensou na sua longa vida, e deu graças por todas as recompensas e alegrias que lhe tinham sido concedidas. Sabia que querer mais, desejar ainda mais, seria mesquinho. Suspirou de felicidade e pôs-se a ouvir o vento que descia das montanhas, o gorjeio das aves noturnas.

No entanto, ocasionalmente, julgava ouvir um outro barulho para além daqueles. Era sempre o mesmo, o tinido agudo de um chocalho. Não compreendia porque haveria de escutar aquele som, sozinho que estava no escuro, com todas as cabras e bodes a dormir. Por vezes dizia a si próprio que não tinha ouvido barulho nenhum, e por vezes estava tão convencido do contrário que gritava para a escuridão: «Está aí alguém? Quem está aí? Aparece.» Mas nunca obtinha nenhuma resposta. Baba Ayub não compreendia. Do mesmo modo que não compreendia o porquê de uma onda de sensações imprecisas, de algo semelhante à parte final de um sonho triste, o acometer de todas as vezes que ouvia o tinido, apanhando-o sempre de surpresa, como uma rajada de vento inesperada. Mas depois passava, como todas as coisas. Passava.

E é esta a história, rapaz. Chegou ao fim. Não tenho mais nada a dizer. E agora é mesmo tarde, e estou cansado, e a tua irmã e eu temos de nos levantar de madrugada. Portanto, apaga a tua vela. Deita-te e fecha os olhos. Dorme bem, rapaz. Despedimo-nos de manhã.